

DEBATENDO O PATRIMÔNIO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EVENTO REMOTO, HETEROCRONIAS E DEMOCRACIA.

XI Seminário Internacional de Memória e Patrimônio, 11ª edição, de 26/10/2021 a 29/10/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-75-3

CAMPOS; Yussef Daibert Salomão de ¹

RESUMO

DEBATENDO O PATRIMÔNIO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EVENTO REMOTO, HETEROCRONIAS E DEMOCRACIA.

Yussef Daibert Salomão de Campos

UFG

A pandemia da Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, radicalizou, de maneira indelével, o uso da internet como meio de realização de eventos acadêmicos, dentre inúmeros outros. À frente da organização do Colóquio Patrimônios Culturais em países de Língua Portuguesa, oferecido pelo Centro Cultural Brasil Angola, da Embaixada do Brasil em Angola, pude viver uma experiência única. Reuni, sincronicamente, em duas mesas de debate, pesquisadoras e pesquisadores dos países que adotam o português como uma de suas línguas oficiais, e que trabalham com o patrimônio, estando, cada um deles, em seus respectivos países. Sem a tecnologia isso teria sido, obviamente, impraticável.

Assim se deu o evento, no dia 16 de julho de 2021. As mesas foram compostas por mim e pelo co-organizador, professor Paulo Peixoto, da Universidade de Coimbra, Portugal, junto ao representante do Itamaraty, o conselheiro e diplomata, Bruno Zétola. Na primeira, os trabalhos apresentados foram "Timor-Leste: ser e estar no espaço-tempo multicultural globalizado" (Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos e Laurentina Belo); "Guiné-Bissau: tecendo engajamentos, protegendo lugares, animando sentidos" (Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos, Dedinha Domingos Nancassa e Ciprino Correia Landim); "A construção da memória da luta armada através das políticas do patrimônio de Moçambique: as ambiguidades em relação aos espaços ligados às experiências dos antigos presos políticos" (Belchior Canivete); "Dramaturgias do 'Popular' na reconfiguração patrimonial dos repertórios da 'Páscoa na Idanha', (Idanha-a-Nova, Portugal)" (Pedro Antunes) e "Desafios de uma paisagem urbana em Cabo Verde - o caso do Mindelo" (Marcela Maciel Santana). A segunda assim se deu: "Patrimônio histórico - cultural de São Tomé e Príncipe: questões da sua salvaguarda e preservação" (Maria Nazaré de Ceita); "História e patrimônio em Guiné Equatorial" (Pedro Acosta Leyva) e " O 'fato nacional' e a noção de patrimônio cultural na Assembleia Constituinte Brasileira (1987/1988)" (Yussef Campos e Paulo Peixoto). O trabalho "Problemas metodológico-organizativos na abordagem sobre o Patrimônio Cultural em Angola", que seria apresentado pelo Angolano Paulo Soma infelizmente não se realizou por questões técnicas ocorridas com o equipamento do proponente, fato muito repetido nesses tempos de relações remotas.

A maioria dos autores e autoras tem origem nos países sobre os quais trabalham, com poucas exceções, que se justificam pelo fato de terem nesses países alguns de seus objetos de pesquisa. A brasileira Maria Helena, que pesquisa o patrimônio do Timor-Leste e da Guiné Bissau, tratou do primeiro com a timorense Laurentina e do segundo com os pesquisadores guineenses Dedinha e Ciprino. Marcela, brasileira, viveu em Cabo Verde e sobre seu patrimônio pesquisa. Por fim, meu parceiro de organização e pesquisa, o português Paulo, tem diversas pesquisas em e sobre o Brasil.

O evento possibilitou não só a imensa troca de conhecimentos, mas foi espaço para que indivíduos silenciados por governos autoritários e por crises políticas usassem seus momentos de fala como meio de denúncia e notificação dos fatos ocorridos em seus países, atuando como ambiente democrático. Basta lembrarmos que o ditador Teodoro Obiang Nguema está à frente do governo da Guiné Equatorial há 4 décadas. Pedro Leyva pôde realizar sua fala engajada pois se encontra

¹ Universidade Federal de Goiás, yussefcampos@ufg.br

radicado no Brasil. E Laurentina Belo demonstrou como a crise do Timor Leste é patente, e que o país padece dos efeitos de uma batalha de décadas pela independência contra a ocupação indonésia. A análise desse colóquio permitirá pensarmos nas diferentes concepções de patrimônio, dos diversos contextos que se entrelaçam a partir da língua portuguesa, e sobre a percepção sobre o que é o tempo.

Organizado a partir dos diferentes fusos horários, de nove países distribuídos em quatro continentes distintos, esse evento permite que se pergunte: será que podemos refletir, a partir desse caso, sobre os conceitos de heterocronia? Não sobre a evidente diversidade de lugares representada pelos diversos pesquisadores (ou espaços das alteridades, segundo Foucault (2013), em sua "heterotopia"); e não pela diferença de fuso, mas pela verdadeira transformação na estrutura da temporalidade em si, como ensina Huyssen (1995), podemos falar em heterocronia? Segundo Pelbart, "o que se anuncia é um regime temporal curioso: não meramente uma sincronidade universal, mas, no interior dela, a gestação de novas condutas temporais que alteram o estatuto da memória, da repetição, da gênese, afetando assim", continua, "nossa relação com a ideia de projeto, de história e, principalmente, de sentido" (2018, p.312). Esse relação distinta com a ideia de sentido será observada com amaneira pela qual esses pesquisadores atribuem ao patrimônio, ora como meio de emancipação, como Laurentina apresentou em seu texto sobre o Timor, ou seja como categoria ambígua, como demonstrou Canivete sobre Moçambique, ou de identidade pela diversidade, como no caso do Brasil.

Palavras-chave: Eventos remotos. Patrimônio. Pandemia. Língua portuguesa.

Referências:

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. Posfácio de Daniel Defert. [Tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

HUYSSSEN, Andreas. Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia.

Londres: Routledge, 1995. PELBART, Peter Pál. Multiplicidade temporal. In: SALOMON, M. (org.). *Heterocronias*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018. P. 311-319.

PALAVRAS-CHAVE: Eventos remotos, Patrimônio, Pandemia, Língua portuguesa